



paradoxo
consultoria

www.paradoxoconsultoria.com.br

PODE A GESTÃO MUNICIPAL PROMOVER O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO MUNICIPAL?

CARLOS ÁGUEDO PAIVA

18 DE NOVEMBRO DE 2019

BRDE – CONSELHO REGIONAL DE ECONOMIA

PORTO ALEGRE



“ A dificuldade não se encontra nas novas ideias, mas em escapar das antigas que estão enraizadas em nossa mente e rebrotam em cada escaninho das nossas ideias.

”

JOHN MAYNARD KEYNES

KEYNES X KEYNES

Categorias Centrais

PRINCÍPIOS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL E
REGIONAL



Escala e hierarquia: quem disse que tamanho não importa?

- ▶ O que Lord Keynes não imaginava ao escrever o que escreveu e que acabamos de citar é o quanto ele mesmo penetraria nossa mente com suas ideias poderosas e congelaria tantos economistas com algumas raízes brotando sempre iguais aparentemente inamovíveis em escaninhos recônditos do cérebro.
- ▶ E sem a menor necessidade disto. Pois as raízes de Keynes são plásticas. Afinal, o DNA do keynesianismo é de extrema simplicidade. Como as de um vírus muito simples, muito básico. Há, de fato, “generalidade” em Keynes. Como Wassily Leontief e Douglass North logo descobriram.

Onde está o erro?

- ▶ Em congelar as relações entre as categorias-parâmetros e componentes da demanda INDEPENDENTEMENTE da escala GEOGRÁFICA E GEO-POLÍTICA em consideração.
- ▶ Keynes pensava a crise dos anos 20-30 tomando por referência em seus distintos escritos ou o mundo, ou a Europa & Império Britânico ou os EUA (o novo país hegemônico, após as duas Grandes Guerras). Com essas referências – e APENAS COM ESSAS! – é possível escrever-se assim:
 - ▶ Oferta Global = PIB + M
 - ▶ Demanda Global = C + I + G + X
 - ▶ PIB + M = C + I + G + X
 - ▶ PIB = C + I + G + X - M se X = M
 - ▶ PIB = C + I + G

Por que isto é um erro?

- ▶ Quando se diz “ $X=M$ ” dizemos duas coisas distintas em uma. A primeira é que o “valor” das exportações é igual ao “valor” das importações.
- ▶ A segunda é que exportamos o que importamos. Esta segunda informação só é verdade se estamos tratando do mundo todo. Ou de quase todo o mundo. Ou seja: só é verdade se o objeto for o objeto de Keynes: a economia mundial.
- ▶ Quando tomamos o mundo todo por referência as exportações de uns são as importações de outros. E vice-versa. **X e M literalmente se anulam.** Não importam.
- ▶ Quando tomamos as economias que controlam o mundo e definem os destinos da humanidade (os EUA, a Europa & Império Britânico nos tempos de Keynes) isto é uma “quase verdade”. São economias tão grandes que são muito fechadas (enquanto totalidade) E Keynes acreditava que seus **desequilíbrios** eram perversos para o sistema e tendiam a ser resolvidos contra os mais fracos. E deveriam ser regradados por um sistema mundial que impusesse ônus a todos. Mas, Keynes foi derrotado neste ponto.
- ▶ E, operamos da perspectiva dos pequenos, do local e do setorial. Onde tudo muda de figura! Foi isto que North, Leontief e a Cepal viram tão bem. Cada um de uma forma distinta, por vias distintas chegaram a conclusões similares.

O Olhar da Cepal e de North

- ▶ VAMOS APELAR PARA KALECKI E SEU PADRÃO DE CARACTERIZAR O CONSUMO (logo veremos porque).
- ▶ $PIB + M = C_w + C_k + I + G + X$
- ▶ A questão é: o que, de fato, produzimos? E o que de importamos?
- ▶ O que é produzido internamente, gerando renda internamente? E o que é importado e desloca rendimentos para fora?
- ▶ Furtado e Prebisch afirmam que, a América Latina que emerge na segunda metade do século XX importa bens de capital (os bens que investe) e bens de consumo de luxo. Produz o que exporta e, alguns países (como o Brasil) produzem alimentos e bens salário. O Governo é pequeno e importa pouco. (Em sentido duplo).
- ▶ North diz o mesmo das regiões novas.
- ▶ $PIB = C_w + X + G$
- ▶ $M = C_k + I$

North e Furtado

- ▶ O mais interessante de tudo é que, a despeito da convergência dos achados, abriu-se uma cisma e uma grande dificuldade de diálogo entre as correntes de análise regional que se origina em North e a que deita raízes na Cepal.
- ▶ Do meu ponto de vista, mais uma vez, as divergências assentam-se em equívocos de escala. O verdadeiro foco de Furtado e da Cepal é NACIONAL e MACRORREGIONAL. O foco de North é LOCAL.
- ▶ Para os cepalinos e desenvolvimentistas em geral, a base exportadora é um problema. E não pode haver dúvida disto. Basta desdobrar o sistema. Exatamente como North e Furtado o fazem. Vejamos!
- ▶ A ideia é simples mas de uma enorme riqueza analítica. Permitam-me sofisticar um pouco a apresentação para contemplar meus colegas economistas presentes na sala. O grande salto dos dois gênios foi perceber que a propensão a importar das distintas categorias de dispêndio é muito distinta.

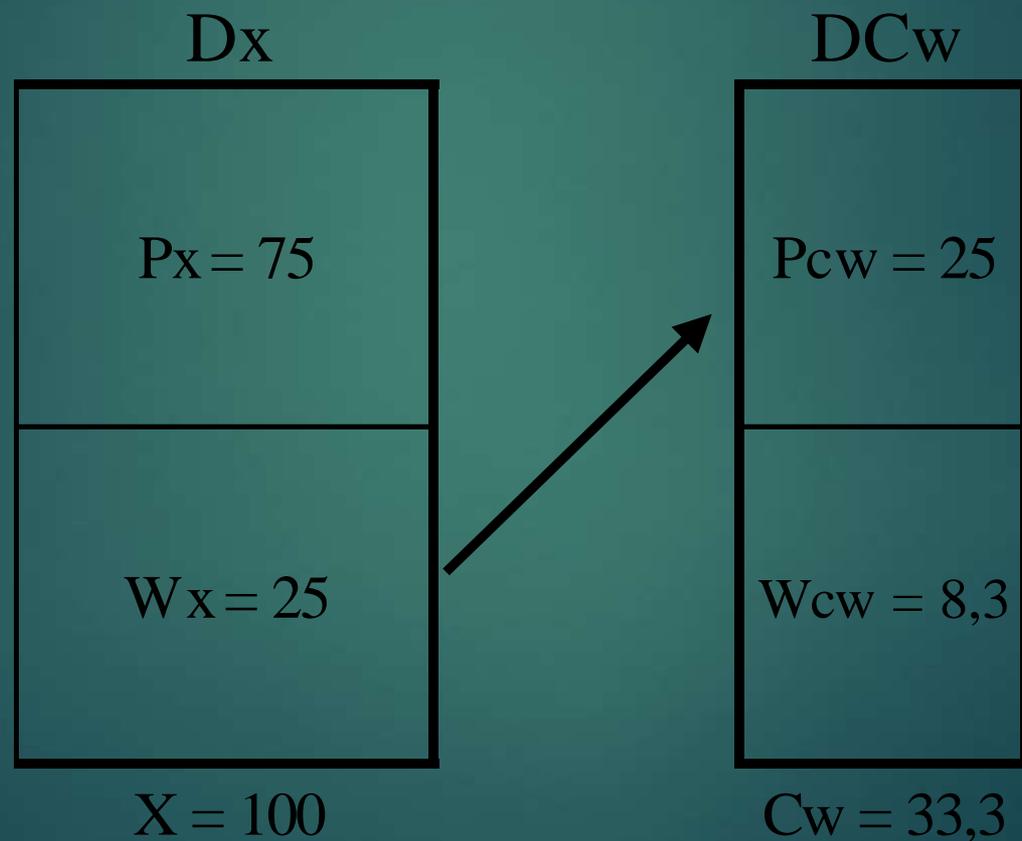
O Sistema (quase) completo

- ▶ Seja \underline{m} a propensão marginal e média a importar das distintas categorias de dispêndio.
- ▶ $Y = (C_W - m_{CW} C_W) + (C_K - m_{CK} C_K) + (I - m_I I) + (G - m_G G) + (X - m_X X)$
- ▶ $m_I \approx m_{CK} > m_{CW} \approx m_X \approx m_G$
- ▶ Supondo $m_I = m_{CK} = 1$ e supondo $m_{CW} = m_X = m_G = 0$
- ▶ $Y = C_W + G + X$
- ▶ $Y_d = Y - T$, onde $T =$ Tributação e $Y_d =$ Renda disponível
- ▶ Supondo $G = T$ (Orçamento Equilibrado)
- ▶ $Y_d = Y - T = C_W + G + X - T = C_W + (G - T) + X = C_W - 0 + X$
- ▶ $Y_d = C_W + X$

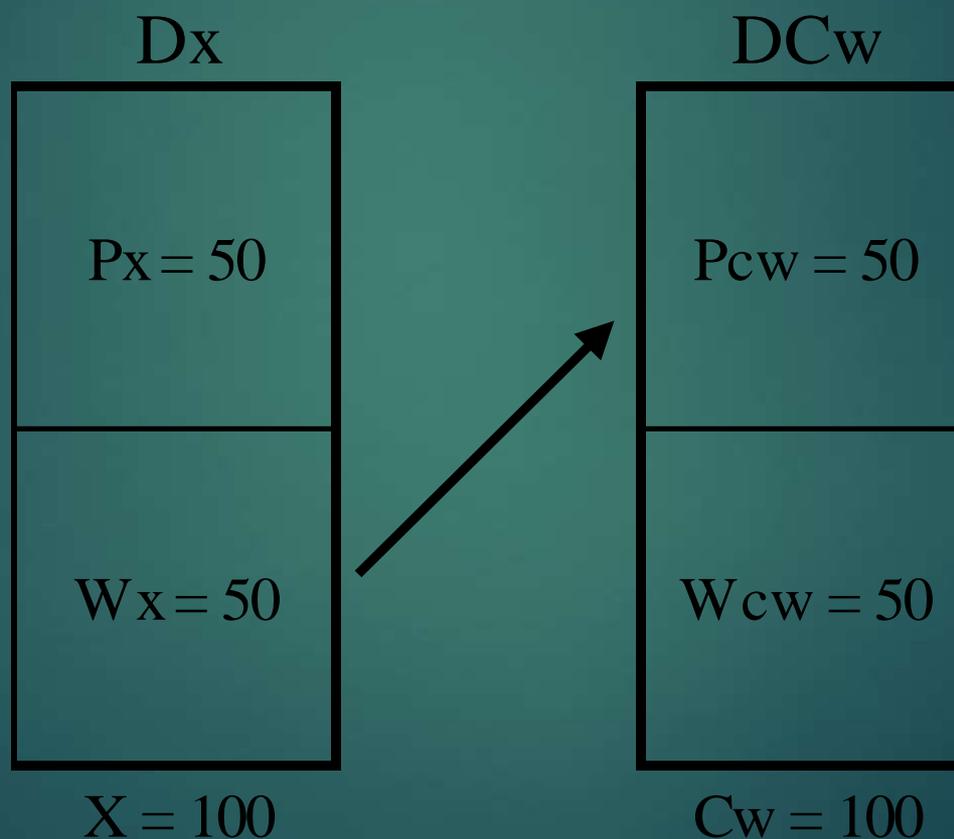
Ora, para a nação é preciso ação!

- ▶ Supondo que os trabalhadores consumam todo o seu salário líquido (não poupem nada) e apenas o seu salário líquido (não tenham acesso a crédito).
- ▶ $C_w = W = Y_d - \text{Lucros} = w Y_d$, onde w = participação % do W em Y_d
- ▶ $Y_d = w Y_d + X$
- ▶ $Y_d - w Y_d = X$
- ▶ $Y_d (1 - w) = X$
- ▶ **$Y_d = X / (1 - w)$**
- ▶ Exemplos heurísticos:
 - ▶ Suponha que $X = 20$ e $w = 0,8$: $Y_d = 100$
 - ▶ Suponha que $X = 50$ e $w = 0,5$: $Y_d = 100$
 - ▶ Suponha que $X = 75$ e $w = 0,25$: $Y_d = 100$
 - ▶ Suponha que $X = 0$ e $w = 0,9$: $Y_d = 0!!!!$ Esta é a crise de 1930

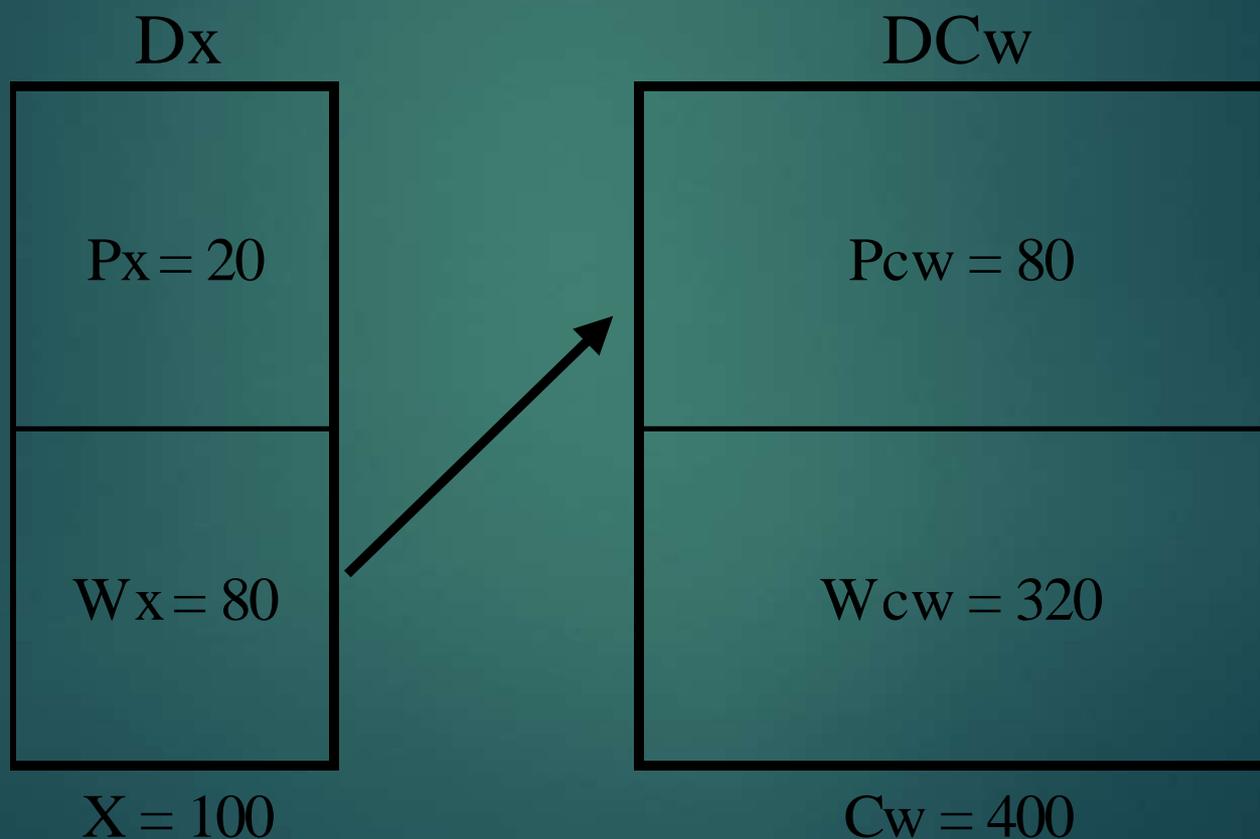
Departamentos Furtado-Northianos sem Governo ($w=0,25$)



Departamentos Furtado-Northianos sem Governo ($w=0,5$)



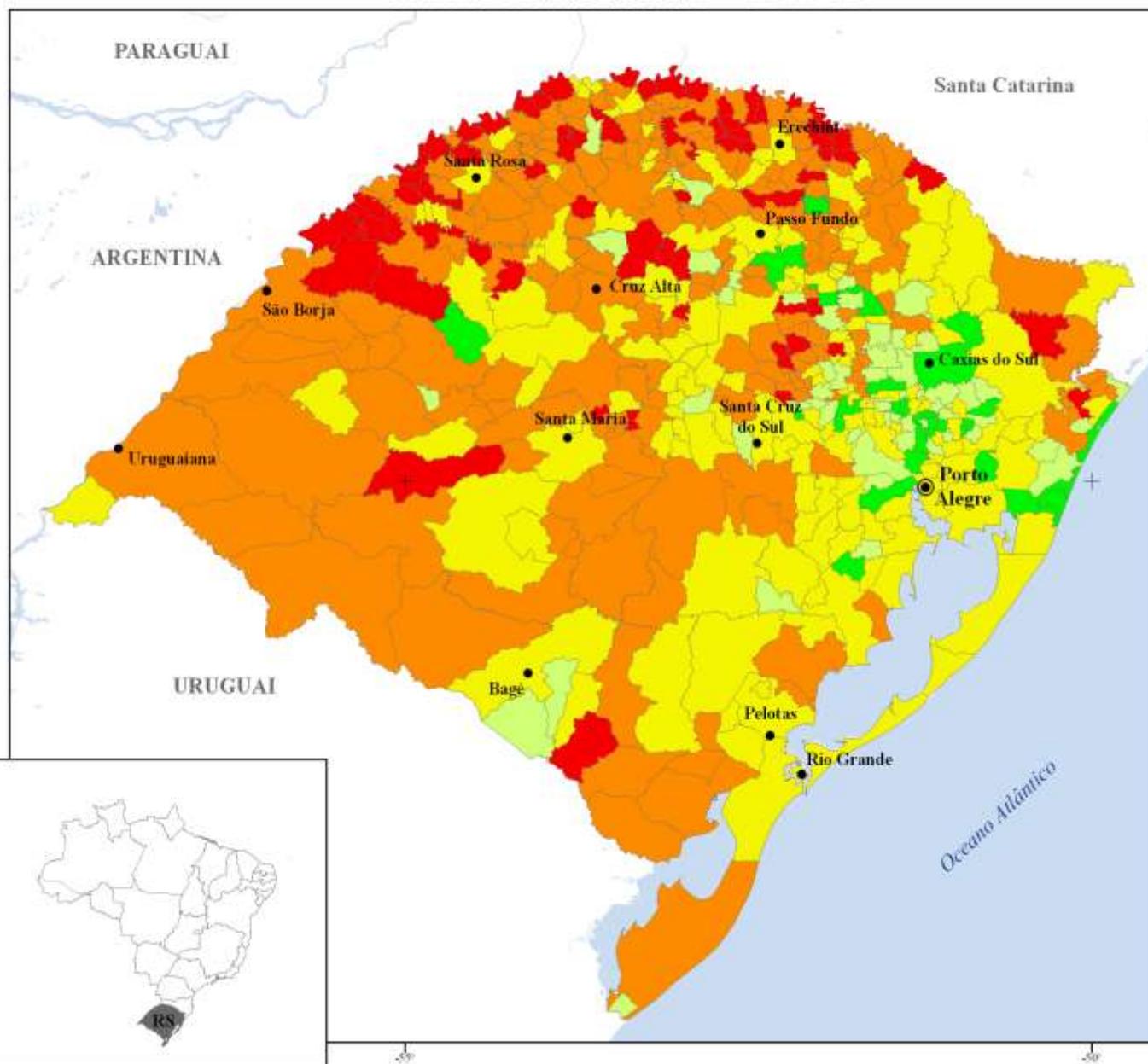
Departamentos Furtado-Northianos sem Governo ($w=0,8$)



Porque w é pequeno?

- ▶ Por diversos motivos. Mas dois são principais em regiões emergentes sob processo de ocupação fundiário-colonial.
- ▶ O primeiro deles, é porque as atividades utilizam muita terra e pouca mão de obra, como é o caso da pecuária bovina na Metade Sul, por exemplo.
- ▶ O segundo é porque há um excesso crônico de força de trabalho (em função da má distribuição da propriedade da terra) e a taxa de salário cai. Ou, ao contrário: a boa distribuição fundiária eleva o custo de oportunidade da mão-de-obra e a taxa de salário se eleva.
- ▶ As consequências emergem com a máxima clareza no mapa político do Rio Grande do Sul na próxima lâmina.

Variação populacional relativa, por municípios, no Rio Grande do Sul — 2000-10



Legenda:



0 50 100 200km

Sistema de Coordenadas Geográficas
Datum horizontal: SAD69

FONTE: IBGE/Censo Demográfico 2000.
IBGE/Censo Demográfico 2010.
Base cartográfica: IBGE.

Cartografia: FEE/NERU.

Porto Alegre, maio de 2011.

Mas e se as exportações caem a zero?

- ▶ Foi isto que aconteceu na crise de 29-30!
- ▶ Na verdade, não foi que as X caíssem a zero! O preço caiu tanto que não valia a pena pagar salários para colher!
- ▶ Neste caso, não há salários em Dx. E não há mobilização de Dcw. Que não é mobilizado. TODA A ECONOMIA É PARALISADA. Washington Luiz não entendeu que estava pondo o Brasil inteiro (inclusive a São Paulo urbana!) em crise. Getúlio entendeu. E uniu o Brasil contra a velha oligarquia.
- ▶ Mas as “exportações” de North são completamente distintas.
- ▶ São para outras regiões do Estado. Para outras regiões do país.
- ▶ Podem “ATÉ” ser para outros países. Do Mercosul. E até a China. Nada a ver com a situação de dependência apontada por Furtado.
- ▶ Calma, canja de galinha e não confundir alhos com bugalhos é bom para todos.

Política Econômica

ERROS E ACERTOS DE POLÍTICA E GESTÃO
MUNICIPAL

Estímulo ao empreendedorismo local

BOAS E MÁS PRÁTICAS

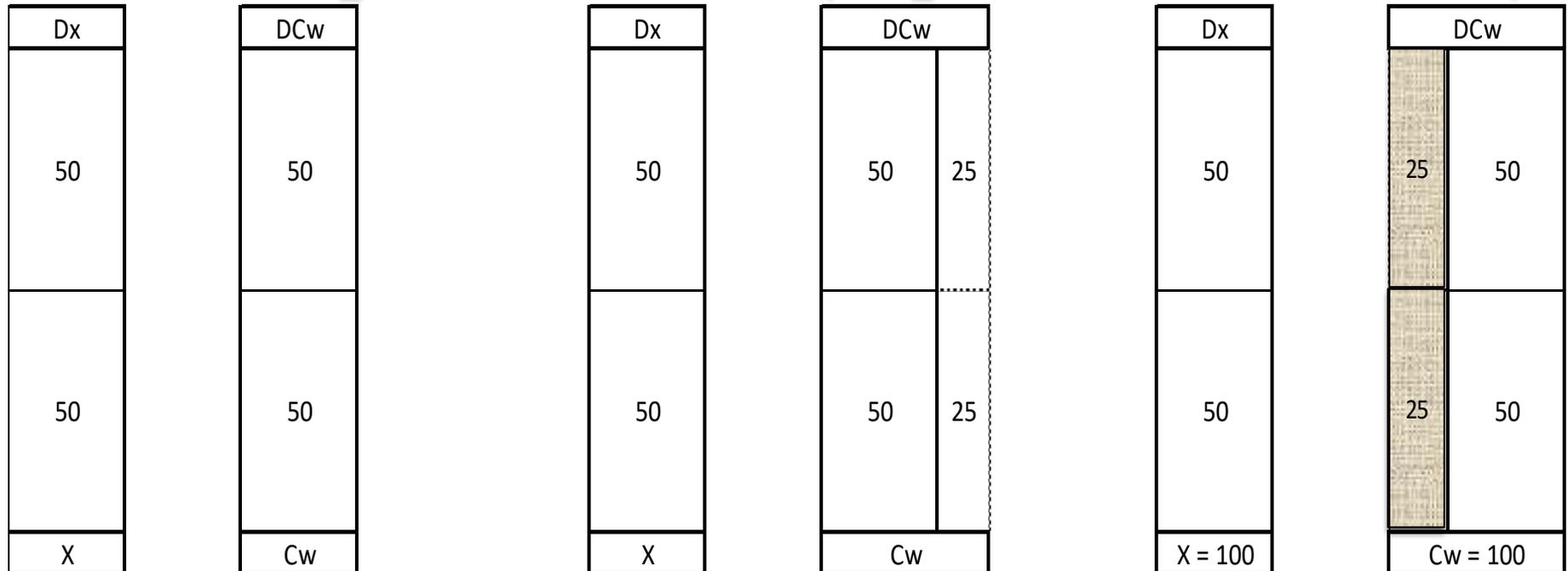
Onde estimular novas empreendimentos?

- ▶ Como regra geral, os gestores municipais acreditam que todo o empreendimento é um empreendimento que gera novos empregos e renda. Mas isto é um grave engano.
- ▶ O ponto central é a origem da demanda.
- ▶ A demanda externa, que incide sobre os bens que a localidade “exporta” (no sentido de North) é muito elástica: um aumento da produção – se for de qualidade e ao preço de mercado (ou, até, um pouco abaixo da média, beneficiando-se de ganhos de escala e produtividade) – terá mercado garantido.
- ▶ Mas um aumento de oferta para o mercado local se deparará com uma demanda fortemente inelástica.

Departamentos North-Furtadianos (Investimento em PCw)

Investindo 25 em PCw

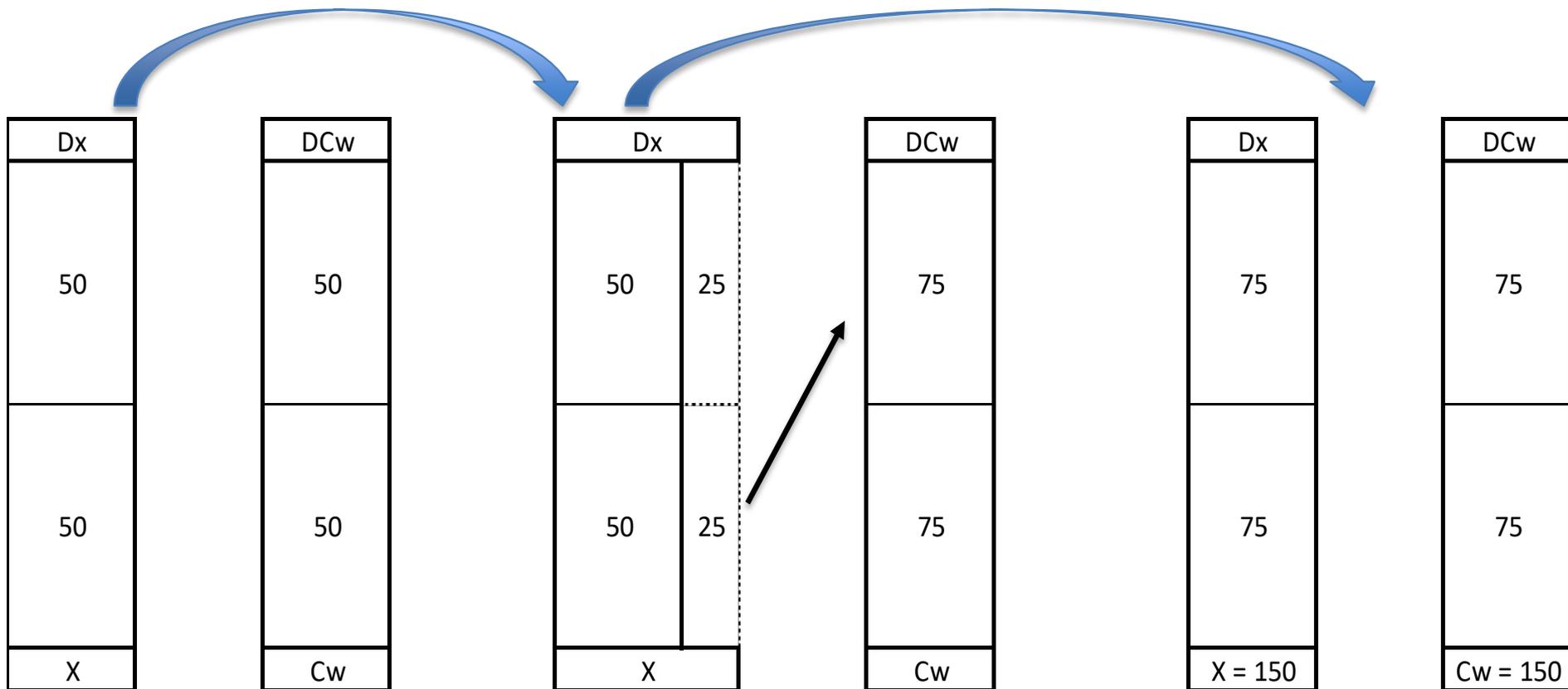
Aumentado 25 em PCw, não altera a Renda Disponível, pois ocasiona uma "substituição" dos empresários.



Departamentos North-Furtadianos (Investimento em Px)

Investindo 25 em Px, aumenta também o Wx em 25

O Pcw é igual ao Wx, então aumenta também o Wcw. Ou seja, aumentando 25 Px, tem-se um aumento de 100 na Renda Disponível



Outras demandas

A QUESTÃO DOS “TURISMOS”



Economistas x Gestores

Quem tem razão?

- ▶ Um debate que os economistas tem muita dificuldade de entender é a verdadeira obsessão dos prefeitos e gestores municipais com a questão do turismo. E, neste ponto, são os economistas que estão mais errados do que certos.
- ▶ Mais uma vez, é uma questão de escala. Voltamos à pergunta: quem disse que o tamanho não importa?
- ▶ Nós temos, no Balanço de Pagamentos (mais exatamente, na Balança de Serviços, dentro da Balança de Transações Correntes), uma “Conta Turismo”. Mas ela é pouco expressiva nas Contas NACIONAIS.
- ▶ Mas é fundamental nas contas MUNICIPAIS.
- ▶ E muda até de sentido.

Santa Maria: uma cidade turística!!

Como Pantano Grande!

- ▶ Na verdade, há três formas básicas de um município ter um afluxo positivo de “renda básica” (no sentido de North) e crescer economicamente, ampliando seu mercado interno, alongando suas cadeias produtivas mais competitivas e diversificando seus sistema competitivo
- ▶ 1) se expandir e diversificar suas exportações
- ▶ 2) se atrair demanda externa para seu sistema de serviços (“turistas de serviços”)
- ▶ 3) se atrair receptores de rendas permanentes ou semipermanentes a se instalarem no território e passarem a demandar no território (funcionários públicos, aposentados, receptores de pensões, bolsa-família, etc.).
- ▶ Santa Maria vive de 2 e 3. Pantano Grande de 2 e, secundariamente, de 1. Para o turismólogo o “2” nem sempre é “turismo”. Mas cai na conta de Turismo do Economista. Logo, para nós, deveria ser. Mas os prefeitos percebem isto melhor do que muitos de nós.

Atração de Investimento?

QUAL MESMO? DO QUE TU FALAS?

Todo o investimento vale a pena?

- ▶ Claro que não! Alguns valem muito a pena.
- ▶ Mas é preciso diferenciar!
- ▶ O erro inicial é pensar que todo o investimento é bom pois “gera emprego e renda”. Isto só é assim no mundo de Keynes. Quando a referência é o “planeta”. Ou os EUA. Ou o mundo desenvolvido.
- ▶ No mundo de North, o investimento significa **IMPORTAÇÃO**. Ele gera emprego e renda **NO LOCAL ONDE AS MÁQUINAS SÃO CONSTRUÍDAS!**
- ▶ Então ele não é bom?
- ▶ Depende! Ele é bom se ampliar a capacidade competitiva do território!
- ▶ O investimento alonga a cadeia exportadora e internaliza mais empregos? Então é excelente! Amplia e diversifica o sistema de serviços e aumenta a competitividade do município polo com outro polo com o qual concorre? Então é magnífico!

E quando ele não é bom?

- ▶ Quando ele gerar poucos empregos, exigir muitos subsídios para se instalar, com os subsídios conquistados, impor uma concorrência desleal e matar os concorrentes locais, impor exigências peculiares para a integração dos fornecedores de matérias-primas gerando desemprego no campo e êxodo rural, e assim que deixar de captar os elevados subsídios vai embora, deixando terra arrasada atrás de si.
- ▶ Alguém lembra de algum exemplo?
- ▶ Eu lembro de pelo menos um com todas as características acima. E de alguns com várias delas.
- ▶ O que importa é: é preciso fazer análise de custo-benefício antes de implantar qualquer política de apoio a empresas que exigem subsídio para se implantar num território. Aquelas que mais vale atrair são aquelas cujo interesse em se instalar são, por assim dizer, “naturais”. Elas não são “puxadas” pelo governo. Mas vêm atrás de atrativos de mercado da região. O que o governo pode oferecer será apenas o “plus a mais adicionado que se soma”. A tal “cereja do bolo”. Se for o principal, pode estar certo. Há algo muito podre no reino. Mesmo que não seja o Reino da Dinamarca!

Onde a industrialização foi induzida por subsídios e onde foi “natural” no RS?

- ▶ Na verdade, o que faz com que uma empresa se instale e produza num território emergente, novo?
- ▶ Para North e Furtado, a resposta é sempre a mesma! O tamanho da demanda! Externa ou Interna!
- ▶ A demanda interna é grande para comida (os trabalhadores que se deslocaram para produzir lá (Cw)).
- ▶ A demanda externa é grande para o que a região pode exportar (X).
- ▶ Mas a demanda interna TENDE a crescer para todos os elos DA CADEIA EXPORTADORA.
- ▶ A não ser que a cadeia seja “NATURALMENTE” CURTA.

A diversificação emerge da especialização!

- ▶ É ISTO QUE LEONTIEF ENSINA A NORTH. Ou melhor: que Leontief ensinou a todos os regionalistas desde Hirschman. As cadeias que se alargam e se alongam primeiro são as cadeias exportadoras. Pois elas se tornam suficientemente grandes para criar demanda INTERNA para todos os elos. Inclusive para BENS DE CAPITAL.
- ▶ Mas há cadeias que não se alongam!
- ▶ A cadeias que são cronicamente curtas. TABACO X CALÇADO. Santa Cruz do Sul X Vale dos Sinos. SOJA X UVA (Planalto X Serra)
- ▶ Mas o que diferencia o Vale dos Sinos da Serra?
- ▶ A tendência à monocultura! A indústria calçadista foi bem sucedida demais por tempo demais! E gerou monocultura. A vitivinicultura não foi tão bem sucedida. E se desdobrou logo em sub-cadeias.

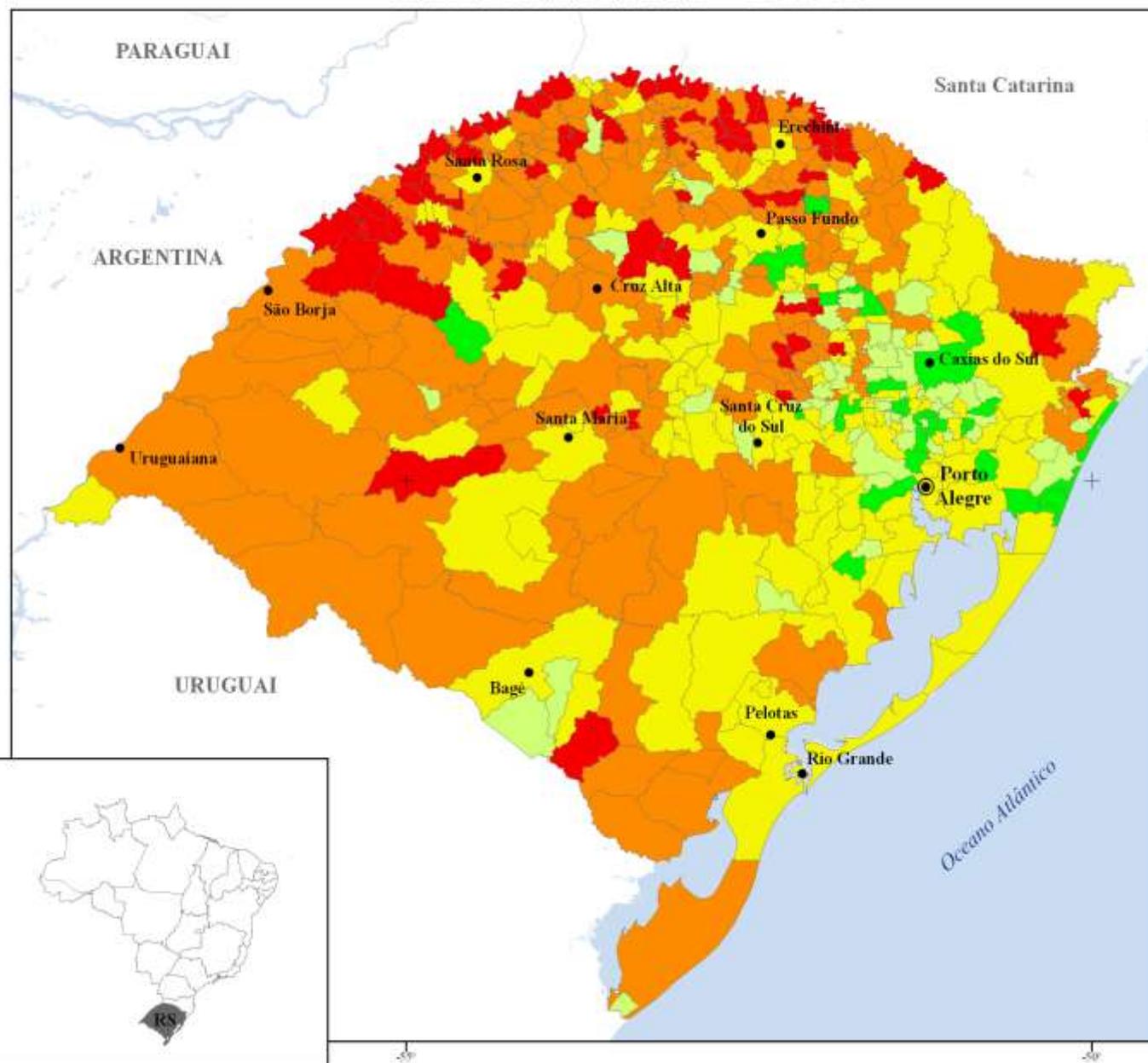
Política Municipal na Crise? É possível?

MAIS NECESSÁRIA DO QUE NUNCA

Dá para fazer política de crescimento até na crise?

- ▶ Mais do que nunca na crise!
- ▶ Vou fazer uma provocação! Pensemos uma cidade (e uso o termo consciente que o município é mais que uma cidade!) como um shopping center! É possível fazer política concorrencial na crise? ... A resposta é: mais do que nunca na crise!
- ▶ Como vamos “atrair novos clientes?” se a renda de todos está estagnada? A resposta é uma só: qualificando nossos serviços e atendendo melhor a demanda existente. Mesmo que, em termos globais ela possa ATÉ cair.
- ▶ A primeira questão que temos que nos colocar, então é: quem são os “clientes” que queremos atingir-conquistar. A questão central é sempre a mesma:
- ▶ ONDE ESTÁ A NOSSA DEMANDA. COMO SUSTENTÁ-LA E AMPLIÁ-LA?

Variação populacional relativa, por municípios, no Rio Grande do Sul — 2000-10



Legenda:



Sistema de Coordenadas Geográficas
Datum horizontal: SAD69

FONTE: IBGE/Censo Demográfico 2000.
IBGE/Censo Demográfico 2010.
Base cartográfica: IBGE.

Cartografia: FEE/NERU.

Porto Alegre, maio de 2011.

Um único exemplo.

- ▶ Vamos começar por quem está mais perto de nós: Porto Alegre.
- ▶ Muitas vezes nossa querida capital, onde nasci e vivi a maior parte de minha vida, colocam-se questões e projetos bastante ambiciosos. Como, por exemplo, qual será seu papel na quarta e na quinta revolução tecnoindustrial.
- ▶ Eu acho que seria mais pertinente pensar sobre seu baixo crescimento populacional. Em especial sobre a perda crescente de uma população muito particular: a dos aposentados que estão tomando sua antiga “segunda residência” do litoral como residência principal, em busca de paz, segurança, tranquilidade e bem-estar. Esta população é uma população que tem atraído a atenção cada vez maior mundo afora. Califórnia e Flórida a disputam nos EUA. Portugal cresce a partir dela. Mas Porto Alegre faz pouco caso.
- ▶ Ela não disputa emprego, contrata acompanhantes, fisioterapeutas, médicos, lubrifica o sistema de saúde, atrai investimentos diversos na área de lazer e cultura, alimenta todo o sistema de gastronomia, fortalece a chamada rota turística, é altamente demandante do sistema de serviços (que é o mais empregador dentre todos os sistemas). Mas não há política para estas pessoas.
- ▶ Por quê?

Deixamos os demais exemplos e
considerações para o debate

Muito obrigado!



carlosanpaiva@gmail.com



[Facebook.com/carlos.paiva.3998](https://www.facebook.com/carlos.paiva.3998)